

## **EXPERIÊNCIA DE UM INCÊNDIO RESIDENCIAL: UM RELATO EM PRIMEIRA PESSOA<sup>1</sup>**

*Vitória Wohlgemuth<sup>2</sup>*

<https://orcid.org/0000-0001-9188-5876>

Todos já ouviram falar de incêndios que ocorreram em alguma parte do país. Alguns exemplos são o da Boate Kiss, que tragicamente matou 242 pessoas, a maioria estudantes universitários, e feriu outras 636 na cidade de Santa Maria, RS, em janeiro de 2013; o do Museu Nacional no Rio de Janeiro, ocorrido em setembro de 2018, que destruiu quase a totalidade do acervo histórico e científico construído ao longo de duzentos anos; e os que atingiram o bioma Pantanal em 2020, queimando aproximadamente 30% do território e levando à morte diversas espécies de animais.

Além desses incêndios de grandes proporções que ganharam destaque nas mídias brasileiras, é comum ver notícias regionais sobre incêndios menores em edificações, como comércios, residências, carros, terrenos, entre outros. Apesar disso, esses eventos sempre parecem distantes, ocorrendo em algum canto da cidade que talvez conheçamos ou por onde passamos diariamente, mas que afetam apenas outras pessoas, nunca a nós mesmos.

Muitos tendem a não esperar ou se preparar para situações de emergência, e essa postura pode ser atribuída a diferentes razões, como a ilusão de que eventos negativos são mais prováveis de acontecer com os outros do que com si mesmos. Ainda, a falta de experiência direta pode levar à subestimação da gravidade e frequência desses eventos. Mas como este texto se dá como uma perspectiva em primeira pessoa, um artigo autobiográfico sobre um incêndio residencial, posso

---

<sup>1</sup>Artigo Autobiográfico, especialmente convidado para o Dossiê: Combate a Incêndio.

<sup>2</sup>Mestra e Doutoranda em Ciência da Informação, pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB).

afirmar que sim, esses eventos acontecem conosco, quando a gente menos espera e avassalam nosso cotidiano sem pedir permissão.

E aqui começa meu relato do incêndio residencial, que ocorreu com minha família no dia 29 de abril de 2023, um sábado como qualquer outro. Eu, meus pais e minha irmã nos despedimos dos nossos gatos, que descansavam sobre a mesa de jantar, antes de seguirmos para uma feira. Estávamos lá há cerca de uma hora quando meus pais desapareceram de vista. Sem mais explicações, minha tia nos informou que eles haviam retornado para casa devido a um incêndio no nosso prédio.

É claro que receber a notícia gera uma mistura de apreensão, ansiedade e uma enorme curiosidade. Perguntas começam a surgir: Em qual apartamento começou o incêndio? Todos conseguiram sair a salvo? Chamaram os bombeiros? Eles já chegaram? O fogo já foi controlado? Como será que ficou o apartamento? No entanto, a falta de informações nos deixa numa situação de impotência e incerteza. Em um estado de apreensão, liguei para minha mãe e ela disse bem alterada que o prédio estava, de fato, em chamas, antes de desligar abruptamente.

Pouco depois, uma vizinha me ligou, descrevendo o caos que se instalara no prédio. Ainda sem entender totalmente a situação, implorei que ela fosse até minha casa, se possível, e resgatasse meus gatos. Expliquei onde estavam as caixas de transporte e como pegá-los, esperando que desse certo, mas ela respondeu que havia muita fumaça, o que impedia qualquer um de subir até o andar, mas que iria informar os bombeiros sobre a presença deles dentro do apartamento.

Decidi ligar novamente para minha mãe em busca de mais informações e foi então que, em meio ao desespero, ela gritou ao telefone: "É o nosso apartamento que está pegando fogo!" e desligou. Nesse momento, o choque foi imenso, pois percebi que não se tratava de um apartamento de algum vizinho ou desconhecido, mas sim da minha própria casa. Como disse anteriormente, pensamos que algo assim nunca vai acontecer conosco, então em nenhum momento sequer cogitei que o fogo seria dentro da nossa residência.

Depois da notícia, minha irmã e eu nos encontrávamos sentadas, abraçadas e completamente sem ação, aguardando algo acontecer. Meus pais instruíram minha tia e minha avó, que estavam conosco na feira, a permanecerem lá para nos apoiar e impedir que voltássemos para casa. Apesar de racionalmente saber que nenhum de nós quatro estava ferido ou em perigo imediato, nosso único pensamento era para a

segurança dos gatos, porque nessas horas a gente não liga para os bens materiais, só para a vida. Em meio a esse tumulto, recebi outra ligação da vizinha, informando que as chamas estavam aumentando, que o Corpo de Bombeiros já havia sido acionado e que tinham avisado sobre a presença de animais de estimação no apartamento.

Nesses momentos, buscamos a esperança de que tudo ficará bem. Minha irmã e eu nos apegávamos a esse pensamento otimista e escutávamos das pessoas ao redor: "Gatos são inteligentes, são espertos, com certeza eles saíram do apartamento, não se preocupem"; "Quando vocês chegarem lá, vai estar tudo certo, o fogo vai estar controlado e vão poder voltar para casa"; "Com certeza já resgataram os gatos, podem ficar tranquilas". Me refiro repetidamente aos nossos gatos, chamados Bast, na época com 1 ano e 6 meses, e Otto, com 4 meses, porque, para mim, eles não eram apenas animais de estimação, mas sim eram a única parte não material que eu temia perder naquele apartamento.

Como minha orientadora de doutorado diz, nossos animais de estimação são parte da família e é impossível não sentir um profundo vínculo e preocupação com eles. Contudo, nosso desespero cresceu ainda mais quando a amiga da minha irmã, que mora no nosso prédio, nos enviou uma mensagem descrevendo o fogo imenso que já estava saindo pela janela. Hoje, sei que esse foi o momento em que o vidro da janela estourou, fazendo com que as chamas aumentassem e visivelmente saíssem do apartamento.

Depois disso, lembro-me de ter avisado meus amigos, afinal, era um dia como outro qualquer e eu tinha um compromisso de aniversário mais tarde. Naquele momento, pensei: "Bem, agora não vai ser possível ir" e mandei uma mensagem para eles, compartilhando o que estava acontecendo: "Pessoal, não vou poder ir hoje, minha casa está pegando fogo". Contei assim, como se fosse algo normal e corriqueiro, mas atualmente sei que estava em estado de choque.

Quando ouvimos falar sobre uma chuva intensa, uma enchente ou um incêndio, entendemos o conceito dessas situações e conseguimos visualizar, mas só realmente compreendemos as proporções quando testemunhamos ao vivo ou vemos imagens. Sinceramente, eu imaginava um fogo pequeno, algo como uma fogueira de festa junina, controlável e em um espaço limitado no interior do apartamento. Reconheço que essa imagem que eu tinha não fazia muito sentido, mas é

incrivelmente difícil dimensionar a realidade de um incêndio, especialmente quando ele envolve seus objetos e itens pessoais.

Não consigo recordar por quanto tempo permanecemos ali, aguardando notícias, até que em determinado momento decidi ligar para minha mãe de novo, pois estava angustiada de ficar esperando. Ao telefone, ela me informou que o fogo havia sido controlado e tive uma imensa sensação de alívio. Naquele instante, pareceu que tudo estava bem, que estava resolvido, que poderíamos retomar nossa rotina e voltar para casa tranquilamente. No entanto, percebo como nossa mente pode ser frágil e nos iludir, somente para depois sermos confrontados com a realidade.

Ao chegarmos ao prédio, o som estridente do alarme de incêndio, instalado apenas duas semanas antes, ecoava, e as luzes intensas dos caminhões do Corpo de Bombeiros piscavam. Minha irmã e eu saímos do carro, abraçadas, e pedimos permissão aos oficiais dos bombeiros que guardavam a área para passarmos, afinal, era a nossa casa. Um deles fez questão de me tranquilizar, informando que não houve vítimas e que ninguém se machucou. Todos os dias agradeço por nenhum de nós quatro estar em casa naquele dia. Na verdade, minha irmã inicialmente relutou em ir para a feira e até pediu para ficar em casa, foi só quando estávamos na porta, prestes a chamar o elevador, que ela mudou de ideia. Da mesma forma, meu pai também considerou ficar, pois estava com sono. Por um tempo, ficamos pensando que, se um deles tivesse permanecido em casa, talvez tivesse percebido o início do incêndio e evitado que se alastrasse.

No entanto, o perito da Diretoria de Investigação de Incêndio (DINVI) do Corpo de Bombeiros nos informou que essa possibilidade era extremamente remota, porque, se estivessem dormindo, a queda do nível de oxigênio no ambiente os deixaria inconscientes, resultando em morte por asfixia antes mesmo de serem queimados. Além disso, se alguém estivesse em casa e, ao notar o fogo, abrisse a porta do cômodo, provavelmente teria sido engolfado pelas chamas antes de ter a chance de escapar.

Ao nos aproximarmos do prédio, encontramos vários vizinhos reunidos e minha mãe veio ao nosso encontro. Lembro-me claramente das palavras dela: "Filhas, olhem bem pra mãe, o fogo acabou, o Otto conseguiu fugir, ainda não o acharam; mas o Bastinho não sobreviveu". Foi como se o chão tivesse sido arrancado dos nossos pés, literalmente, pois sentimos nossas pernas fraquejarem e

tivemos uma crise de choro imediata, questionando: "Por que ele não saiu? Por que não conseguiu escapar?". Sinceramente, até hoje me pergunto isso, o que aconteceu com ele para que não conseguisse sobreviver. Mais tarde, descobrimos que Bast foi encontrado inconsciente no chão da sala e faleceu devido à inalação de fumaça, sem ter sido queimado pelo fogo. Um dos oficiais que atendeu a ocorrência me contou que tentou ressuscitá-lo, mas, infelizmente, já não havia mais nada a ser feito.

Eu, minha mãe e irmã nos unimos em oração naquele momento e uma corrente de mulheres se formou ao nosso redor, oferecendo apoio e carinho. Depois disso, minhas lembranças ficam meio confusas; tudo o que consigo recordar é que ficamos ali, esperando por algum desdobramento, seja ele qual fosse, incertas do que fazer. Ainda alimentava a esperança de que logo liberariam o prédio e poderíamos retornar para casa, sem entender a gravidade da situação e sem ter visto o estado do apartamento. Meu pai, visivelmente abalado e parecendo que tinha envelhecido 10 anos em algumas horas, estava inquieto, incapaz de ficar parado e passava a maior parte do tempo conversando freneticamente com nossos vizinhos e com os oficiais do Corpo de Bombeiros. Aliás, ele queria passar a noite no prédio, esperando um colega que conseguiria religar a energia geral, após liberação da Defesa Civil, para que os outros moradores do prédio pudessem voltar para suas casas ainda naquele dia, o que não aconteceu.

Os vizinhos relataram que, quando o Corpo de Bombeiros chegou, confirmaram que não havia vítimas, mas demoraram cerca de 30 minutos para adentrar no apartamento devido a problemas nos sistemas preventivos do edifício. A bomba da rede de combate a incêndios do prédio encontrava-se desligada, o que prejudicou a pressão da água nas mangueiras. Além disso, o hidrante em frente ao prédio também não tinha pressão suficiente. Esses fatores exigiram o uso dos recursos de água do caminhão e a solicitação de um veículo adicional para combater as chamas. Como resultado, o tempo de preparação foi maior, permitindo que o fogo causasse mais danos até que os oficiais dos bombeiros pudessem efetivamente entrar no apartamento e iniciar o combate às chamas, seguido pelo rescaldo.

Após todo o processo, em determinado momento fui questionada se desejava receber o corpo do Bast. Concordei, mas deixei claro que não queria vê-lo, apenas segurá-lo. Acredito que, se tivesse visto seu corpo desfalecido, essa seria a memória dele que levaria comigo, uma imagem associada ao trauma do incêndio. Uma vizinha

nos ofereceu um lençol, e quando me entregaram ele enroladinho, chorei desesperadamente. Enquanto tocava sua pata, pedi desculpas por não estar com ele naquele momento, pelo medo e desespero que ele havia sentido, e implorei para que encontrassem o Otto, que ainda estava desaparecido.

Muitos nos convidaram para ficar em suas casas, e nós, em um estado automático, apenas agradecíamos e esperávamos, sem saber ao certo o quê. Então, de repente, ouvimos o grito: "Encontraram o gato!" e um dos bombeiros apareceu com ele nos braços, pequeno, molhado, com os olhos arregalados e completamente cinza, sendo que sua pelagem é preta e branca. É difícil descrever a mistura de sensações: a tristeza ao segurar seu animal morto e o alívio ao saber que o outro está salvo.

Uma das oficiais que atendia à ocorrência disse que, ao entrar no apartamento, viu Otto na janela da sala, que era protegida por uma tela contra mosquitos, impedindo-o de acessar uma pequena sacada externa. Ela tentou segurá-lo, mas as luvas grossas dificultaram a pega fazendo com que ele escapasse e fugisse pela porta. Após uma busca extensa na garagem e nas escadas, onde acreditavam que o gato poderia estar escondido, um dos bombeiros e meu pai retornaram ao apartamento e notaram algo debaixo do sofá. Era Otto, que havia subido para o 6º e último andar do prédio e retornado para casa quando a confusão diminuiu.

Minha tia levou-o imediatamente ao veterinário na caixa de transporte, que apareceu milagrosamente no momento certo, trazida pelo porteiro do edifício vizinho. Com um sorriso no rosto ao escrever estas palavras, posso dizer que, neste exato momento, o Sr. Otto está me observando enquanto se aconchega confortavelmente em cima de uma pilha de roupas limpas. Ele teve com catarata em um dos olhos devido a algum impacto, provavelmente causado por um pedaço do forro de gesso do teto que caiu. Também precisou tomar antidepressivo humano por um tempo, pois ficou meses transtornado, miando sem parar. Hoje, ele já está bem de ambos os problemas e ganhou um novo irmão, pois, após a perda do Bast, notamos que se sentia sozinho, sem companhia para brincar e fazer travessuras.

Mais tarde, com todo o carinho e a ajuda dos vizinhos e amigos que nos auxiliaram naquela noite, nos despedimos do Bast. Essas pessoas, que estiveram conosco no dia do sinistro e nos dias seguintes, nos trouxeram conforto apenas com

sua presença, abraços e palavras de carinho. Lembro-me claramente de quando duas amigas minhas chegaram, já ao final de toda a ocorrência, e me abraçaram. Por mais que desconhecidos estejam ao seu lado e demonstrem carinho e apoio, um abraço de alguém próximo como um amigo pode ser o conforto que mais precisamos.

À medida que o tempo passava, as pessoas começaram a se dispersar, o Corpo de Bombeiros partiu e a exaustão nos atingiu em cheio. Continuávamos anestesiados, sem saber o que fazer, para onde ir e o que seria da vida nos dias seguintes. Eu sequer me lembrava, mas recentemente me contaram que naquela noite, meu pai subiu até o apartamento, com autorização, para recuperar os computadores dele e da minha mãe que estavam sobre a mesa. Foi então que percebi que precisava reunir alguns itens básicos para enfrentar o próximo passo, seja qual fosse ele. Decidi acompanhá-lo e, juntos, usando nossos celulares como lanternas, recolhemos carregadores de celular, meu computador e uma mochila com algumas poucas roupas básicas minhas e da minha irmã, para serem lavadas.

Ao entrar no apartamento, deparei-me com a extensão do estrago, e a imagem que eu havia imaginado, de um pequeno fogo, desmoronou. O quarto dos meus pais havia desaparecido completamente, parecendo uma zona de guerra. A casa estava tomada pela escuridão, o chão coberto por entulho e vidro, e tudo acima de 1,7 metros estava manchado de preto. O calor era sufocante, o cheiro de fumaça era intenso e havia quatro dedos de água pelo piso, além de um pó preto fino cobrindo tudo. No entanto, ao avistar os móveis da sala, da cozinha e dos quartos, os quais aparentemente preservados, pensei: "Ah, não foi tão ruim assim, as coisas estão todas aqui".

Atualmente, chego a rir daquele pensamento, pois percebo que de tudo que estava na casa, menos de 5% pôde ser aproveitado. Lembro-me de um dos oficiais dos bombeiros ter dito no dia: "Foi perda total, queimou tudo lá dentro", mas tanto eu quanto meu pai discordamos naquele momento; afinal, as coisas estavam lá, no lugar, só que sujas. Contudo, com o tempo ficou claro que a pessoa com experiência em incêndios estava certa, nós simplesmente ainda não havíamos compreendido isso totalmente. Hoje, tenho plena consciência de que nossa casa morreu no dia 29 de abril de 2023, levando consigo tudo o que tinha: móveis, lembranças, momentos bons e tristes, detalhes, itens pessoais, roupas, objetos de herança de entes queridos que já se foram. O que restou dela foram apenas as memórias.

Considero fundamental o suporte de fotos para que você, leitor, possa compreender a dimensão de um incêndio em uma residência. No entanto as imagens não conseguem transmitir completamente a realidade de estar lá presente e ver ao vivo, como me foi relatado por todos que visitaram o local. A qualidade das imagens não é boa, pois o ambiente estava completamente escuro e sem luz, dificultando tanto a visualização quanto a captura de fotografias com os celulares. Assim, a primeira foto que tirei pode ser vista abaixo na figura 1 e mostra o corredor, que se estendia até a conexão entre os quartos.

**Figura 1 – Corredor do apartamento**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Observa-se que a partir de 1,7 metros, tudo está preto, não devido à falta de luz, mas sim por estar queimado e impregnado de fuligem. Essa situação ocorreu na casa inteira porque, segundo os oficiais que atenderam à ocorrência, quando abriram a porta do quarto onde o incêndio se iniciou, tudo acima dessa marca foi consumido



pelo "dragão de fogo", conforme o chamaram, que seria uma corrente de chamas, calor e fumaça que devora tudo em seu caminho. No meu quarto, que não foi o foco do incêndio, a TV, que estava fixada na parede próximo ao teto, derreteu.

A imagem nos ajuda a entender por que, ao entrar em casa, pensamos que o incêndio não tinha sido tão grave. A mesa, as cadeiras, os papéis, o casaco, estavam exatamente onde os deixamos antes de sair. O mesmo cenário se repetia nos outros cômodos da casa. No entanto, semanas depois, descobrimos que quase nada podia ser recuperado, já que as manchas causadas pela queima de madeira, materiais sintéticos e outros, resultaram em uma fuligem densa que se impregnou em tudo e, dependendo do material, é impossível de remover. Dessa forma, as figuras 2 e 3 mostram o quarto dos meus pais, onde foi o incêndio. Eles perderam tudo: o que restou no cômodo eram apenas destroços, cinzas, madeira e metal retorcido.

**Figura 2 – Quarto foco do incêndio**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Ao ampliar a imagem, é possível ver as molas da cama box e a estrutura metálica do ventilador de teto. Ainda, as mesas de cabeceira, a cômoda, a televisão, a cama, os livros, as roupas e os armários praticamente desapareceram. Durante o trabalho de perícia, foi necessário indicar onde cada item ficava, para que fosse possível compreender como era o quarto antes do incidente.

Quem entrava na casa e via esse cômodo sempre dizia a mesma coisa: parecia uma cena de filme de guerra, como se a região tivesse sido bombardeada. Realmente, a visão não era das melhores. Passamos muitos dias abaixados, em meio às cinzas, tentando recuperar qualquer coisa que pudesse servir de conforto para meus pais. Quando o apartamento foi reformado, levaram cinco dias só para remover todo o entulho do quarto e dos outros cômodos. Na figura 3 abaixo, é possível perceber que o fogo derreteu tudo o que havia na parede, alcançando os tijolos de alvenaria.

**Figura 3 – Visão da parede do quarto**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Embora não seja visível na foto, a esquadria da janela, feita de alumínio, também se fundiu devido ao calor extremo. O alumínio, que derrete a partir de

660,3°C, liquefez e gotejou até o chão do piso térreo, caindo no estacionamento de veículos. Esse derretimento não só ilustra a intensidade do calor gerado pelo incêndio, mas também a extensão dos danos causados, destruindo os elementos estruturais e materiais ao redor da área afetada.

Ainda, o que segurou o incêndio dentro de um único cômodo foi a porta do quarto, que era de madeira maciça. Os oficiais do Corpo de Bombeiros nos informaram que ela conseguiu suportar as chamas até a chegada deles, quando iniciaram o trabalho de apagar o fogo. Por fora, a porta parecia apenas suja e chamuscada, mas ao olharmos por dentro, estava quase totalmente destruída. Predominantemente preta devido à carbonização, sua superfície estava áspera, irregular e deformada, o que até impedia sua abertura completa.

Muitos questionam a causa do incêndio, se foi um curto-circuito ou um carregador plugado na tomada. No entanto, a perícia da Polícia Civil identificou que o causador foi um equipamento de massagem, utilizado para dores locais após exercícios físicos. Este estava conectado à tomada carregando e sua bateria foi a responsável pelo início do incêndio. Atualmente, ele se encontra exposto no acervo de incêndios e explosões da Polícia Civil. Por incrível que pareça, dentro desse quarto havia itens que felizmente conseguimos recuperar e que foram fundamentais para os próximos passos tomados em busca da recuperação: uma mochila de *nylon* comum, contendo todos os documentos mais importantes da família, incluindo diplomas e certificados de cursos, passaportes, certidões de nascimento e casamento, o contrato de compra e venda do apartamento, entre outros.

Foram recuperados ainda dois HDs externos, com *backup* de todas as nossas fotos e outros documentos digitais, além da câmera fotográfica do meu pai, que embora tenha derretido, teve seu cartão de memória preservado. Quanto aos documentos, o perito da Polícia Civil considerou praticamente um milagre que tenham sobrevivido, pois estavam não só no quarto foco do incêndio, mas também ficaram dias inteiros encharcados pela água utilizada para extinção do incêndio e rescaldo durante a ação do Corpo de Bombeiros. Alguns acabaram sofrendo danos nas bordas devido ao fogo, todos ficaram molhados e cheiram a fumaça até hoje, mas de resto permaneceram intactos.

Por conseguinte, nas figuras 4 e 5, pode-se observar a fachada do prédio em dois momentos distintos. A primeira é uma fotografia tirada durante o incêndio,

por um dos vizinhos presentes, que nos enviou logo após o ocorrido. Nela, é possível observar claramente a extensão das chamas saindo do apartamento, após o estouro da parte de vidro da janela. O fogo alcançou o apartamento diretamente acima, mas não chegou a queimar nada dentro, embora a fumaça tenha danificado e manchado todo o cômodo. O estrago só não foi maior porque o morador havia comprado uma cortina blecaute à prova de chamas, que impediu a entrada do fogo e evitou o pior. O seguro predial providenciou o reembolso por danos nos apartamentos afetados.

**Figura 4 – Visão do incêndio pelo exterior do prédio**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Já a segunda imagem, conforme a figura 5 abaixo, apresenta como estava a fachada do prédio na manhã seguinte ao incidente. Nosso apartamento está situado no terceiro andar e as chamas e a fumaça causaram danos significativos ao quarto andar, onde a janela e a área ao redor foram mais afetadas. Os andares superiores apresentaram danos menos visíveis, mas a fumaça e o calor subiram, causando manchas e deterioração em menor grau. A mancha branca sobre a janela é, na verdade, a ausência de azulejos na fachada, que se soltaram devido às altas

temperaturas. Este desprendimento é um indicativo da intensidade do calor gerado pelo incêndio, que foi o suficiente para comprometer a aderência dos materiais de revestimento.

**Figura 5 – Fachada do prédio após o sinistro**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Agora pense comigo: quando a vida fica difícil, seja por problemas no trabalho, questões familiares, de saúde ou financeiras, ou quando tudo o que precisamos é um momento de descanso, é para casa que voltamos para nos reerguer, colocar a cabeça no lugar e decidir o que fazer. Mas e quando não há um lar para retornar? O que se faz então? Pois afirmo que essa situação provoca uma sensação de desamparo e incerteza, como se o chão fosse tirado debaixo dos nossos pés, deixando-nos sem direção. Além disso, ficávamos revivendo os

momentos daquele dia, perguntando por que isso tinha que acontecer conosco e ainda martelava na cabeça uma dúvida sobre o que faríamos a partir dali.

Quando percebemos que não havia mais nada a ser feito naquele dia e estávamos à beira do colapso, fomos passar a noite na casa da minha tia. No entanto, nenhum de nós conseguiu realmente dormir, nem naquela noite e nem nas seguintes. Recordo-me apenas das inúmeras crises de choro que se seguiram naquela primeira noite e desde abril de 2023, o sono nunca mais foi o mesmo. Ao nos prepararmos para dormir, caiu a ficha: não tínhamos roupas, escova de dentes, escova de cabelo, pijamas - absolutamente nada.

No dia seguinte, logo pela manhã, meus pais e eu retornamos ao apartamento, na expectativa de que os peritos do Corpo de Bombeiros realizassem a perícia. No entanto, fomos informados de que, como meu pai possuía seguro residencial, era aconselhável primeiro comunicar à Polícia Civil antes da realização da perícia pelo Corpo de Bombeiros. Ficamos surpresos, pois a seguradora não nos havia orientado sobre esse procedimento; apenas mais tarde descobrimos que a perícia policial não era um requisito para a concessão do seguro, mas já que tínhamos solicitado, eles aguardariam o laudo. Posteriormente, com autorização da Polícia Civil e com o cuidado de não alterar nada do quarto foco do incêndio, recolhemos alguns poucos itens básicos, como roupas minhas e da minha irmã, que tentaríamos salvar lavando, o urso de pelúcia favorito dela, um porta-retrato com uma foto nós quatro e itens do nosso gato.

Nada mais podia ser alterado no apartamento, pois seria periciado. Assim, os meses seguintes foram marcados pela preocupação com o seguro residencial, indignação com o valor reembolsado, por comentários infelizes sobre o incidente, por acompanhamento psiquiátrico e psicológico, por seis mudanças de residência ao todo e pela necessidade de muita paciência. Sempre que me perguntam sobre o seguro, costumo dizer que, embora a situação seja terrível com ele, seria impossível sem ele. Engana-se quem pensa que o seguro cobre a totalidade da apólice ou que nos proporciona uma grande soma em dinheiro. Pelo contrário, os custos financeiros foram além do imaginável. Além disso, o desgaste emocional e físico foi imenso; precisamos, por exemplo, de acompanhamento com um otorrinolaringologista por um bom tempo, devido às sequelas de entrar no apartamento, mesmo utilizando máscaras, e de mexer na fuligem.

Alguns momentos subsequentes foram particularmente marcantes: o desafio de listar todos os itens da nossa casa e atribuir-lhes um valor de compra como foi solicitado pela seguradora; ver minha irmã de 12 anos tentando salvar seus bichinhos de pelúcia, apenas para perceber que todos estavam irremediavelmente danificados, com os olhos totalmente manchados, que ela descreveu como “mortos”; lidar com pessoas que achavam que o apartamento ainda era habitável e apareciam para tomar um café como se nada tivesse acontecido, enquanto trabalhávamos na separação e limpeza dos itens sobreviventes; ouvir comentários insensíveis, sugerindo que não havia motivo para lamentar, pois outras pessoas enfrentavam situações piores; enfrentar a difícil decisão de escolher quais pertences tentar recuperar e quais descartar; ouvir críticas de que apesar do cansaço, não nos esforçamos o suficiente para salvar e limpar mais objetos; vasculhar os destroços do quarto incendiado em busca de algo que tivesse valor para meus pais; ter que planejar todas as noites o que precisava ser feito no dia seguinte, incluindo tarefas básicas como almoçar e lavar roupa, porque no primeiro mês mal lembrávamos de viver; e receber palavras de solidariedade de pessoas que mal conhecíamos, mas que foram fundamentais em nossa jornada de recuperação.

Após mais de oito meses de reforma e necessidade de ter força e paciência, conseguimos voltar para casa antes do Natal de 2023, mas ela só ficou realmente pronta e 100% organizada em fevereiro de 2024. Muitos nos perguntaram ao longo desses meses se iríamos mesmo voltar para o local em que tudo isso ocorreu e que nos trouxe tanta tristeza, mas não havia motivos para ir embora. Primeiramente, não perdemos nenhum de nós quatro, o que com certeza teria sido um dificultador de retornar para casa. Em segundo lugar, é verdade que todo o processo de reconstrução foi marcado por dificuldades, mas teve principalmente carinho e apoio, desde amigos e desconhecidos, até da empresa de arquitetura e engenharia que realizou nossa obra. Assim, não havia por que não arrumar o apartamento e voltar para nosso lar.

A verdade é que voltar para casa exige muito mais resiliência, paciência e controle emocional do que qualquer outra coisa. O trauma perdura e, ainda hoje, temos receio de deixar alguém sozinho em casa, nunca deixamos nada ligado às tomadas e, sempre que um caminhão do Corpo de Bombeiros passa com as sirenes ligadas, o medo de que seja algo acontecendo em nossa casa volta à tona. No

entanto, mais de um ano após o ocorrido, o incêndio se tornou uma lembrança menos amarga e já conseguimos enxergar alguns aspectos positivos em tudo o que aconteceu. Agora, consigo também ter uma dimensão do que é passar por uma situação de emergência grave e tenho muito mais empatia com outras pessoas que passam por momentos parecidos. É mais fácil de se colocar no lugar e imaginar o que aquela pessoa está passando, quando você tem total noção e lembranças de como é a experiência. Ainda, as notícias sobre incêndios no telejornal local nunca mais foram apenas mais uma parte da programação. Para nós, elas ganharam destaque, e sofremos pelas pessoas que estão passando pelo que também já vivenciamos.

Gostaria de acrescentar que só estamos de volta ao nosso lar hoje, com pertences e mentes no lugar, graças a todas as pessoas que nos apoiaram ao longo desses meses, tanto financeira quanto emocionalmente. Infelizmente, muitas famílias que enfrentam incêndios em suas residências não têm esse suporte ou realizam o seguro residencial, o que torna a recuperação e o retorno ao lar muito mais difíceis. Assim, finalizo agradecendo a todas as pessoas que nos apoiaram nesses meses: amigos, vizinhos, desconhecidos, familiares, oficiais do Corpo de Bombeiros e da Polícia Civil. Afirmando com toda a certeza de que o fator humano, o trabalho dos oficiais que atenderam a ocorrência e as relações que nos cercam, fazem a diferença e dão a força necessária para o recomeço.